

O ESTEREÓTIPO DO BIBLIOTECÁRIO NO CINEMA¹

Josyane Moreno*

Larissa Bastos**

RESUMO

Algumas profissões são marcadas com estereótipos realçados, como a profissão de secretária, professora e enfermeira. A este grupo de profissões podemos adicionar, também, o bibliotecário. Este trabalho realiza um estudo da imagem do bibliotecário retratada no cinema, trazendo uma análise sobre os estereótipos mais presentes na sétima arte a partir do gênero cinematográfico de cada filme analisado. Através de um breve estudo sobre cinema, mostra sua contribuição para a indústria cultural, utilizando como ferramentas de pesquisa películas, fotografias e textos. À respeito do estereótipo do bibliotecário, traça uma abordagem referente à imagem negativa desta profissão, que é dominante nos filmes analisados. Por fim, propõe que os profissionais de Biblioteconomia propaguem os avanços na área e busquem mostrar o atual perfil do bibliotecário afim de anular o rótulo que paira sobre a profissão.

Palavras-chave: Cinema. Imagem do Bibliotecário. Indústria Cultural.

¹ Comunicação Oral/pôster apresentado ao GT 6 (Tema Livre)

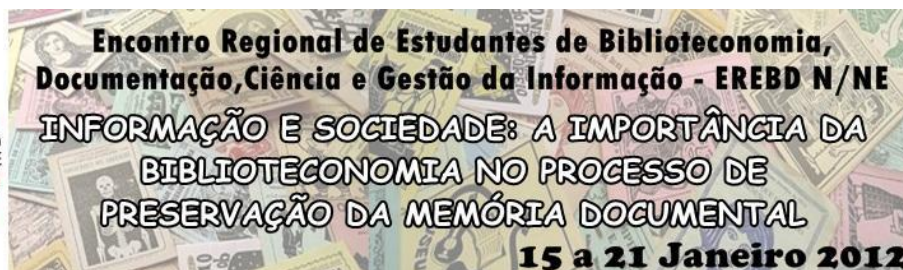
*Universidade Federal do Ceará/Campus Fortaleza. Graduanda em Biblioteconomia. Email. Josymoreno1@gmail.com

** Universidade Federal do Ceará/Campus Fortaleza. Graduanda em Biblioteconomia. Email. Laari.bastos@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A imagem que se tem de um bibliotecário é o de ser uma profissão em sua maioria feminina, composta de mulheres solteironas, solitárias, ranzinzas e que estão a toda hora pedindo silêncio em seu ambiente de trabalho. Buscando entender como este estereótipo se solidificou em meios de comunicação, com ênfase no Cinema, neste trabalho é contextualizada e analisada sua imagem perante a Sétima Arte.

Profissões que primeiramente foram consideradas mais tradicionalmente femininas, como a de bibliotecário, foram sendo marcadas, ao longo do tempo, com tabus e rótulos. Porém, atualmente, a imagem do bibliotecário vem se modificando e o campo de atuação na área está se expandindo para



diversos outros setores, e os homens, até então, poucos raros na profissão, estão cada vez mais presentes na carreira.

Ainda assim, não devemos descuidar e precisamos nos perguntar se: as mudanças que estão ocorrendo na profissão estão trazendo também mudanças na visão que a Sociedade e a mídia têm do bibliotecário e seu papel? Este artigo tenta responder a esta pergunta. Cabe a nós, profissionais e estudante de Biblioteconomia descobriremos se a tradicional se a imagem da mulher carrancuda, de óculos, coque e aparência séria foi esquecida ao longo destas décadas ou não.

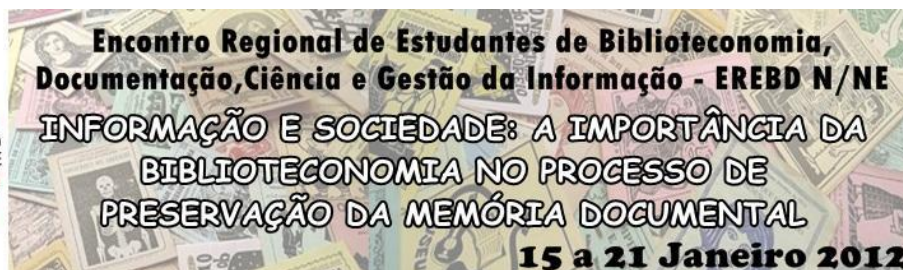
2 ESTEREÓTIPOS: O QUE SÃO?

Do grego, “*stereos*”, que significa sólido, firme e “*typos*”, que significa molde ou modelo. Em uma análise mais psicológica de seu significado, significa que, se um ou mais indivíduos passam a mesma impressão ou possuem o mesmo “molde”, seja em pensamento, modo de vestir ou outra característica, ele já exclui de seu grupo aquele que não as possui, como uma generalização, uma imagem pré-concebida.

Estereótipos, em geral, são negativos, pois serve para implantar separatismo entre os grupos sociais e, por fim, na concorrência entre estes, ocasiona depreciação e até discriminação. É comum a mídia se utilizar destas determinações para empregar uma idéia ou vender um produto, ainda mais se este tiver um público direcionado, em outras: estereotipados.

Quando se fala em estereótipo, é preciso ter clara a distinção entre conformidade e conformismo, pois o estereótipo tem uma multiplicidade de faces. Na verdade, o indivíduo acaba por orientar-se através de estereótipos e de normas, conformando-se ao seu grupo, buscando garantir o êxito de suas ações e a aceitação social. (BACCEGA, 1998, p.8)

Apesar das mudanças sociais, da evolução tecnológica, da constante atualização de grades curriculares, o bibliotecário ainda carrega a imagem de monge medieval, como retratado no filme “O nome da Rosa”, como guardiões, eruditos, conservadores e preocupados com a conservação da informação. Estes conceitos são ainda identificados nos atuais profissionais da área. No entanto, a falta de divulgação da profissão e de imposição por parte da nova geração de bibliotecários nessa nova realidade, junto com as atitudes e comportamentos de alguns profissionais mais antigos que não se atualizam e nem expandem



os horizontes para novos campos de atuação, ajuda a perpetuar ainda mais a imagem clássica do bibliotecário: uma mulher séria, de coque, roupas fechadas, óculos, ranzinza e que dedica o tempo a guardar livros e confeccionar fichas catalográficas, não esquecendo de sempre pedir silêncio aos usuários.

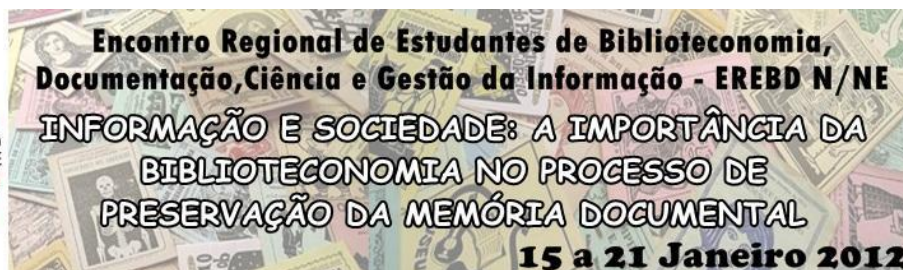
Outro fator que contribui para essa visão equivocada do profissional é a mídia, que prega estereótipos a fim de causar maior identificação ao público. Isso ocasiona uma imagem negativa do bibliotecário. Sobre esta imagem negativa, Ochôa e Pinto (2006, p. 35) comentam que “[...] a pouca compreensão e o desconhecimento dos serviços prestados pelo profissional da informação por parte do público causa a má percepção dos profissionais da sua própria profissão, a má qualidade de informação [...]”.

Em outras palavras, cabe ao bibliotecário, em parte, mudar o conceito que a sociedade tem sobre o seu papel, sabendo ser comunicativo, sociável, mostrando boa aparência e simpatia para com os usuários e, principalmente, divulgando sua profissão e seu grande campo de atuação. É preciso saber conciliar sua intelectualidade com as novas mídias disponíveis, chamando o usuário pra perto através de meios de comunicação instantânea, entre outros. O importante é saber que, quanto mais informações se têm sobre certo grupo, mais ele se impõe e mais respeito ele ganha. Segundo Baccega (1998, p.8), “a interação do homem com a realidade, dinâmica, possibilita a todos condições de ultrapassar a barreira do estereótipo.”

Não é apenas a classe biblioteconômica que sofre com as rotulações. Diversos grupos sociais, estilos e profissões também carregam este fado que é passado de geração em geração, e que infelizmente, se torna mais latente por parte dos próprios membros destes grupos.

Ainda se pensa na carreira bibliotecária como algo restritamente feminino. Ao pensar em um regente de biblioteca, gestor de unidades de informação, a maioria das pessoas logo imagina uma senhora de óculos grossos, cabelos em coque, com andar e olhares ríspidos, monossilábica e, provavelmente, solteira. O histórico da emancipação feminina muita fala sobre a questão, pois a mulher desde sempre foi vista como uma figura delicada, organizada, submissa e apta a lidar com objetos de fácil manuseio, como livros.

Após a 2ª Guerra Mundial, deu-se início à evolução propriamente dita da evolução das mulheres, uma vez que os homens iam à guerra e elas começaram a assumir novas tarefas que, até então, lhes parecia inconcebível, dando-as a idéia de que eram tão capazes de



executar certas atividades com tanta destreza quanto os homens. A partir daí começaram os problemas: a mídia sentiu-se incomodada com a mudança do pensamento feminino e, através de publicações de cunho irônico, começou a manifestar sua visão paternalista e tradicionalista, como a do caricaturista Raul Pederneiras:

Vê-se uma mulher magra e feia usando chapéu e sapatos masculinos e portando um livro – estereótipo da intelectual solteirona. E outra mulher mais gorda, de ar arrogante, apresenta as mesmas características: feiúra, masculinização e o inevitável livro. (JARDIM, 2010, p.19)

Dessa forma, é percebido o incômodo masculino, que tentou assimilar a idéia de que a mulher estaria fadada à solteirice caso tentasse se igualar aos homens. Até então, o papel social da mulher era o de ser mãe, de ser delicada, sub-julgada, incapaz de questionar e dependente do marido para resolver questões que ela mesma poderia solucionar.

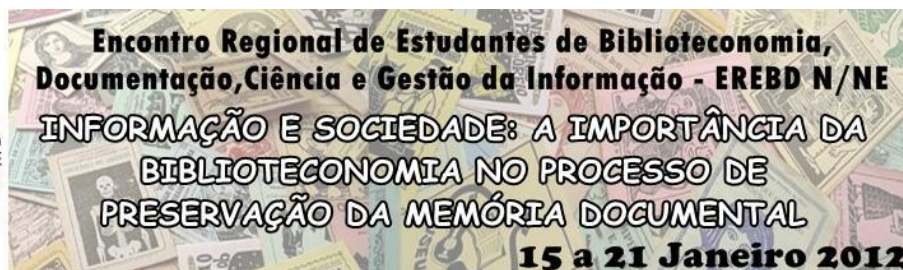
As campanhas feministas da época mostravam o homem cuidando da casa e dos filhos enquanto a mulher consertava coisas e saía para trabalhar. Tais campanhas causaram repúdio à ala masculina, que em revidade iniciou uma campanha que vinculava a imagem de uma mulher independente como feia, indelicada e, conseqüentemente, solteirona.

Esse pensamento ocasionou um desconforto para as mulheres, nas quais muitas começaram a repudiar a mobilização masculina, ao mesmo tempo em que o rótulo de solteirona feminista se consolidava mais. A grande divulgação da imagem da mulher solteirona acabou influenciando a sociedade durante muitas gerações. É fácil perceber como a mídia foi e é capaz de influenciar uma sociedade com seus estigmas, rótulos e dogmas.

Sendo o cinema um difusor de idéias e imagens, este tornou-se uma ferramenta bem sucedida na vinculação da imagem de uma mulher financeiramente e intelectualmente independente à de uma solteira frustrada. É sobre este assunto que trata o capítulo a seguir.

3 CINEMA: UM BREVE HISTÓRICO

O cinema tem sua origem mais antiga nos jogos de sombras de bonecos orientais em telas de linho ou em paredes, quando figuras eram projetadas e era desenvolvida uma narrativa a partir dos movimentos destes bonecos, geralmente as histórias giravam em torno do imaginário da época, com dragões, guerreiros, deuses e demônios.



Passados alguns séculos, o que hoje é conhecido como “câmara escura” foi anunciado como um projeto por Leonardo da Vinci e, mais tarde, desenvolvido pelo físico Giambattista Della Porta, no século XVI. A invenção consistia em uma caixa fechada com um pequeno orifício que era coberto por uma lente. A partir disto, eram projetadas imagens, enquanto o original se encontrava invertido dentro da caixa. Em 1816, “Niepce usou cloreto de prata para fixar imagens da câmara escura” (MORENO, 2011, p.2)

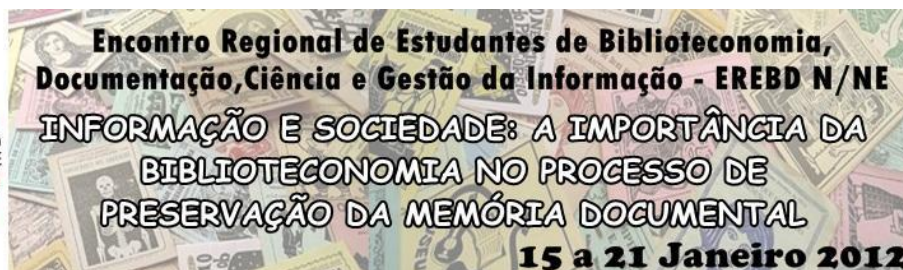
Em 1832, foi criado pelo físico belga Joseph-Antoine Plateau um dos primeiros aparelhos cinematográficos: o fenacístoscópio, que era basicamente um conjunto de desenhos idênticos, posicionados de um modo levemente diferente, divididos em uma placa lisa e, ao girar a placa na frente de um espelho, dava a sensação de movimento. O fenacístoscópio foi a alavanca para a criação de outros aparelhos que buscavam reproduzir a imagem em movimento, até a criação do cinematógrafo, em 1895, pelos irmãos Auguste e Louis Lumière. O cinematógrafo foi considerado o marco do cinema, pois o que o diferenciava dos outros aparelhos era a capacidade de projetar as imagens para um público maior. A primeira sessão de cinema foi feita em 1896, em Nizhniy Novorod (Federação Russa), com a exibição de fotografias em sequência, idéia pioneira dos Lumière

Em 1926, foi incorporado o som ao cinema, confirmando que este estava se tornando uma arte expressiva e em ascensão. A partir disso, tentou-se atrair a burguesia, pois estes tinham tempo e dinheiro para usufruir da nova forma de entretenimento. O primeiro filme com falas foi “O Cantor de Jazz” de Alan Crosland e produzido pela Warner Bros, em 1927. Foi nesta época que os musicais explodiram e nasceram estrelas que até hoje se mantêm eternas, como Bette Davis e Clark Gable.

4 A 7ª ARTE E O BIBLIOTECÁRIO: UMA VISÃO MAIS POÉTICA

A pesquisa feita foi de cunho qualitativo. Foi fiel ao conceito de representação e sem se desvencilhar do objeto de análise. Foi, também, de cunho exploratório, pois proporcionou uma maior familiarização das autoras com o tema em questão, trazendo à tona a questão e o problema que foi pesquisado, explorando-os para algum resultado.

Durante a pesquisa, foi feita uma seleção de filmes delimitados, de modo que algum bibliotecário aparecesse em alguma cena. Os filmes assistidos para análise foram:



- O Nome da Rosa
- A Múmia – Trilogia
- O Guardião – Trilogia
- Star Wars II: O Ataque dos Clones
- A Lenda do Tesouro Perdido 2: Livro dos Segredos
- Baladas de Nova York

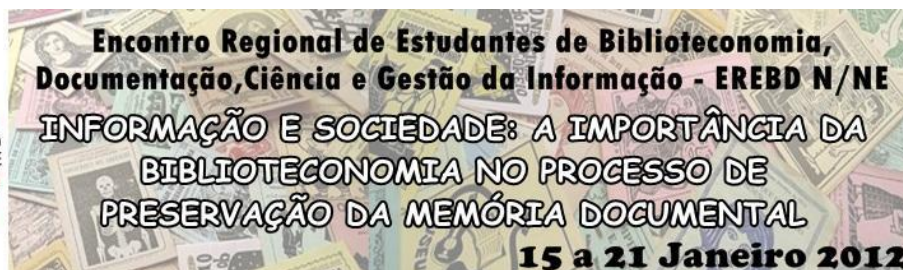
Foram assistidos um total de 6 filmes para a realização da pesquisa, onde algum personagem bibliotecário aparece, seja como protagonista, coadjuvante ou figurante. Além dos filmes, fotografias das décadas de 50 e 60 também foram utilizadas para a análise das vestimentas das bibliotecárias e textos que tratam de imagem, cinema e indústria cultural.

O instrumento de coleta de dados surgiu da observação do comportamento dos personagens retratados e que tiveram seus comportamentos analisados e comparados entre si. Esta comparação foi feita para facilitar a diferenciação entre a época dos filmes e o estudo dos mesmos, visando traçar um perfil de bibliotecário que seja unânime.

Nem só de feminismo vive a imagem do bibliotecário perante a sociedade. A indústria cinematográfica nos trouxe outra visão do profissional: aquele que é guardião da informação, alguém que tudo sabe e tudo conhece, detentor da arma mais poderosa até então retratada: a informação. Alguns filmes trouxeram exemplos de bibliotecários que, além de não serem mulheres, detém grandes conhecimentos e são, eventualmente, consultados para tirar dúvidas e ajudar outros personagens, como retratado na trilogia “O Guardião”, onde o protagonista Flynn, representado por Noah Wyle, trabalha em uma biblioteca que guarda as maiores relíquias da humanidade. Ele é praticamente uma enciclopédia ambulante, detendo conhecimentos que vão desde História à prática de lutas com espadas.

Na aclamada saga “Star Wars”, existe um bibliotecário muito especial: TT-40 dróide bibliotecário, que foi criado para a recuperação de informações, descrito como:

Um dróide bibliotecário produzido pela TelBrinTel para o uso em recuperação de informação. Ele possuía baixa capacidade do armazenamento de dados, porque foi projetado para fornecer informação de base. O TT-40 foi equipado com uma rede. Usando uma relação proprietária do telefone de TelBrin, o TT-40 armazenava dados



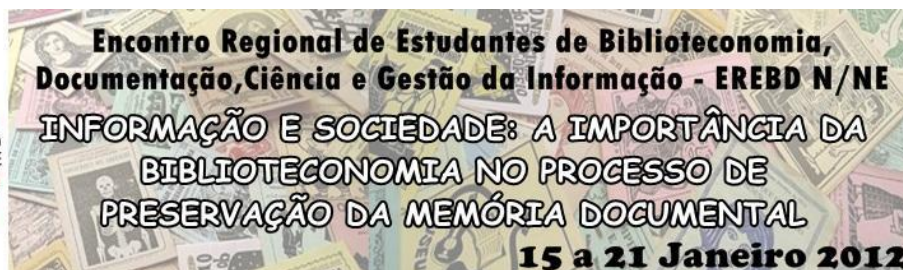
entrantes em um trio das rodas de dados que giraram enquanto o dróide trabalha. Os dróides TT-40 eram caros no começo de sua produção, mas foram subsidiados por programas governamentais de educação para adulto.²

Em “Baladas de Nova York”, uma garota arrebanha fãs e ganha o carisma dos cinéfilos ao assumir uma biblioteca e no começo não gostar do trabalho. Mas, com o desenrolar da história, acaba se encontrando como pessoa e como profissional. Este filme é interessante por se passar em maior parte na biblioteca, além de retratar com bom humor coisas da rotina de um bibliotecário, como a CDD, as fichas catalográficas e até um retrato de Dewey.

Com estes exemplos, pode-se perceber que não apenas de rispidez um personagem bibliotecário é feito e a visão geral é de que ele é alguém dotado de grande inteligência, um ser culto e esclarecido, como também é retratado no filme “A Múmia”, onde a personagem Eve, a bibliotecária protagonista da história, nos encanta com seu jeito delicado, sua beleza, sua inteligência, conhecimentos em Arqueologia e espírito aventureiro, dissipando a imagem de que uma mulher assim tem de ser obrigatoriamente fora do que se pode ser considerado bonito. Nas películas assistidas foi possível traçar dois grupos distintos de bibliotecários:

- O Tradicional: Sua função se limita ao espaço da biblioteca, ou seja, a guardar livros na estante, administrar a biblioteca, catalogar, conservar os livros, pedir silêncio e se preocupar com o resguardo das informações, ao invés com sua disseminação.
- O Moderno: Em poucos filmes foi visto o bibliotecário como um profissional da informação que tem como maior função disponibilizar e recuperar informação, ajudando outros personagens do filme a tirar suas dúvidas, agindo como uma ponte entre o conhecimento e quem o busca. Em alguns filmes esta visão foi mais poética, retratando o bibliotecário como alguém que detém todo conhecimento produzido e o utilizando em prol da aventura.

² Fonte: TT-40 dróide bibliotecário. Disponível em: <http://pt.starwars.wikia.com/wiki/TT-40_dr%C3%B3ide_bibliotec%C3%A1rio>. Acesso em: 10 dez. 2011.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração as inovações tecnológicas e de mercado que tem influenciado e modificado o pensamento da mídia em suas formas de divulgação, em especial no caso do cinema, é possível concluir que muito pouco foi feito ainda para que a imagem do bibliotecário mude perante os olhos da sociedade. Pouco foi – e ainda é - feito por parte dos profissionais e também dos estudantes.

No cinema, ao longo das décadas, a imagem muda um pouco: o bibliotecário deixa de ser apenas a mulher de meia idade e solteirona para se tornar também o homem inteligente e perspicaz. Ou, se a mulher é jovem, é desastrada. Quando o bibliotecário não é retratado em seu estereótipo de praxe, é visto como excessivamente estudioso, nos moldes de um “nerd”. Assim, vemos que por mais que a imagem se modifique ao longo das décadas, ela vai mudando devagar no cinema e que ainda seguirá os estereótipos e algumas vezes subestimando o profissional.

Assim, concluímos que a mídia tem importante influência sobre a visão de um determinado grupo social ou profissional, e ela busca ressaltar sempre, uma visão estereotipada, mesmo que haja outra realidade latente e esperando para ser retratada.

O público, por outro lado, desconhece o perfil e campo de atuação do bibliotecário, e isto começa desde a infância, quando a biblioteca na escola é um local para castigo, reforçando a imagem de que o bibliotecário é um chato, com um trabalho maçante e monótono. Porém, algumas pessoas mudam esta visão, pois são pessoas modernas, com vida social e que acompanham a realidade tão dinâmica de uma sociedade ávida por informação. Para resumir a nova realidade que luta para se afirmar, há uma citação perfeita para sintetizar o que os novos bibliotecários pensam e querem:

“Talvez quando as pessoas entenderem que os bibliotecários, como na maioria das outras profissões, possuem diferentes estilos, tamanhos, sexos, preferência sexual, nível de decibéis e composição de gordura corporal, nós nos sentiremos livres para relaxar e apenas ser nós mesmos. É apenas uma coincidência que eu uso cabelos em um coque. Perfeito para quando eu precisar bater em alguém.” (Angelynn King)



REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. O estereótipo e as diversidades. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (13): 7 a 14, set./dez. 1998.

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da. **Antropologia e imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

JARDIM, Giese et al. **A imagem do bibliotecário no cinema: ficção ou realidade?** São Paulo: Fundação Escola e Sociologia Política, 2010.

MENEZES, João Rafael de. **Caminhos do cinema**. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

MORENO, Josyane. Fotografia e História: o resgate da memória na era digital. In: SEMANA DE HUMANIDADES UFC/UECE, 8., 2011, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2011. 1 CD-ROM.

OCHÔA, Paula; PINTO, Leonor Gaspar (org.). **A imagem das competências dos profissionais de Informação-Documentação**. 2006. Disponível em: <<http://www.apdis.org/jornadas/2006/opid/relatorio.pdf>>. Acesso em 10 de dezembro de 2011.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de; INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO (BRASIL). **O bibliotecário e sua auto-imagem**. São Paulo: Liv. Pioneira Ed.; 1983.